

INSTITUTO
SOCIOMBIENTAL
Documentação
Fonte: ISTO É
Data: 23/03/88 Pg. 30-31
Class. 675

CEDI - P. I. B.
DATA 04/04/88
COD

Yanomami



Exército em Surucucu: controle e proibições no território dos Yanomami



Na busca do ouro...



...garimpeiros levam a malária para as reservas



Em troca de remédios, os índios empregam-se no garimpo

ÍNDIOS

Risco de extermínio

Gripe e malária se alastram e matam em Roraima

Acostumados a lutar contra os invasores de suas terras, os índios Yanomami que habitam as quase inacessíveis regiões do Território Federal de Roraima, calculados em 35 mil pessoas (um quinto de toda a população indígena do país), estão sucumbindo diante de um inimigo invisível: as bactérias e os vírus que provocam doenças e epidemias contra as quais eles não têm defesa. Os efeitos desses surtos têm sido devastadores. Apenas nos seis primeiros meses do ano passado, na frente de atração Surucucu, a 333 quilômetros da capital Boa Vista, na divisa com a Venezuela, onde vivem cerca de 3 mil índios, foram registradas mais de quarenta mortes, provocadas por gripes, malárias e outras doenças infecciosas. As doenças não atacam apenas os Yanomami. O próprio chefe do posto indígena Raposa, da Fundação Nacional do Índio (Funai), no Extremo Norte de Roraima, Petrônio Barbosa, dá conta da morte de doze índios Tuxaua, com menos de um ano de idade, em meados do ano passado. "Todos os óbitos foram consequência da febre e

gripe que estão ocorrendo nesta região", disse ele em radiograma ao superintendente regional da Funai, em Boa Vista. Não se trata de nenhum fenômeno inexplicável. "A contaminação dos índios se intensificou com a presença de garimpeiros e de trabalhadores braçais encarregados de construir pistas de pouso para a implantação do projeto militar Calha Norte, a partir de abril de 1987", denuncia o médico paulista Marcos Pel-



Marcos, Maria e Maurício: risco de extinção

legrini, 32 anos, que atua junto aos Yanomami desde 1984. "Os garimpos são hoje a porta de entrada da malária entre os índios", concorda Maria Bittencourt, baiana, 27, médica a serviço da Funai na Casa do Índio, em Boa Vista, até setembro do ano passado, quando foi demitida. Juntamente com o indigenista Maurício de Lima, 36, ex-chefe da Casa do Índio, Marcos e Maria foram proibidos de frequentar as áreas indígenas depois que passaram a anunciar a iminência de um genocídio em Roraima. Essa possibilidade não é apenas retórica. Marcos compilou no posto indígena Surucucu dados referentes ao número de atendimentos mensais a partir de 1984, registrados por vários funcionários de saúde, que mostram o crescimento das doenças na região (consulte mapa). Os surtos de gripe, por exemplo, tornaram-se frequentes e intensos, com a média mensal de atendimentos passando de 58,5%, em março de 1986, para 108,4%, em agosto de 1987. A isso está relacionado um extraordinário crescimento de 366% nos casos de otite-algia (complicações de infecções respiratórias causadas por vírus) e também um aumento da taxa de mortalidade. Em 1986, foram registradas doze mortes causadas por gripe no Surucucu e até julho de 1987 esse número subiu para dezenove. Mas esse quadro endêmico, acredita o médico, deve ter piorado a partir daí com a entrada desenfre-

da de garimpeiros na serra do Surucucu, onde já se calcula estejam trabalhando hoje mais de 20 mil homens, apesar da interdição da área indígena pela Funai. Nas várias áreas de contato com as frentes garimpeiras e onde atuam os trabalhadores das empreiteiras responsáveis pelas obras do projeto Calha Norte, alertam os médicos, os índios estão próximos do extermínio pela malária. É o caso das populações indígenas do rio Uruicaá, ao norte do Território. Muitos índios empregaram-se no garimpo em busca do ouro para trocar por remédios ou produtos industrializados e acabaram contaminados pela malária transmitida pelos garimpeiros. Na comunidade de Santa Cruz, próxima ao município de Normandia, a 265 quilômetros ao norte de Boa Vista, onde moram 128 índios Macuxi, a médica Maria Bittencourt constatou a ocorrência de um surto de coqueluche e casos de sarampo, com quatro mortes. "Os índios vivem em constantes conflitos com grileiros, perderam suas roças e toda a resistência orgânica às doenças", analisa ela. "E a assistência de saúde prestada pela Funai é inexistente." Não é por falta de aviso. Além dos vários relatórios enviados à Funai por médicos, contratados ou voluntários — a maio-

ria dos quais foi retirada das reservas, após os conflitos entre índios e garimpeiros, em abril de 1987 —, os próprios indígenas fizeram apelos desesperados. No dia 16 de abril do ano passado, o índio Tuxaua Terência Luis Silva escreveu ao administrador regional da Funai em Boa Vista, Esmeraldino Neves, pedindo providências ur-

gentes para minorar a situação do seu povo, ameaçado pela malária. "Se houver perda de vida, quem será o culpado?", inquiria ele. A Funai, ao menos, não assume qualquer responsabilidade. "Os índios Yanomami não estão sendo massacrados por nenhum tipo de doença no Território de Roraima", garante Roelos de Souza e Sá, assessor do presidente do órgão, Romero Jucá. Sá admite a ocorrência de mortes de índios na região Surucucu, onde esteve em janeiro último, "mas nada fora do normal". De fato, é normal as pessoas morrerem — todas morrem, um dia. O anormal está no fato de índios morrerem de doenças contra as quais não têm defesa e trazidas por brancos que invadem suas reservas. Já o diretor regional da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucan), Waldir João Ferreira da Silva, confirma um aumento no número de casos de malária no Território desde novembro de 1987. Foram registrados 11 mil casos no ano passado, e a partir de novembro a média subiu para quinhentos por semana. Ele não sabe precisar, no entanto, quantos índios foram atingidos. "Nós estamos proibidos de entrar na área Yanomami", justifica. ▲

